REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA 4

REVISTA ELETRÔNICA DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS - SEÇÃO NITERÓI
ANO 2- JUL/DEZ DE 2006
ISSN 1980-9018

A relação multifacetada da territorialização do capitalismo na construção das identidades metropolitanas

The relation multifaceted of territorialization of capitalism in metropolis identities constructions

As Autoras

Glauce Batista Junior

Priscila de Góes Pereira

Resumo

O presente trabalho objetiva demonstrar como ocorre a relação multifacetada da territorialização do capitalismo na construção das identidades metropolitanas. Esta territorialização é concebida, aqui, como 'apropriação simbólica' dos valores culturais-identitários, componentes fundamentais de uma sociedade. Neste âmbito, o capitalismo tende a se apropriar das ações humanas teleguiando-as conforme seus interesses. Através da obtenção desmedida do lucro capitalista, o homem metropolitano vivencia uma crise de identidade. Diante disso, ele olha o espaço que produziu e se reconhece nele um estranho. Vê diminuída sua capacidade de articulação e mobilidade social. Os movimentos sociais urbanos são enfraquecidos e o espaço urbano torna-se, através do uso, território do capital.

Introdução

A cidade é algo mais que um amontoado de homens individuais e de convergências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, (...); algo mais do que uma mera constelação de instituições e dispositivos (...). Antes a cidade é um estado de espírito (...), está envolvida nos processo vitais das pessoas que as compõem; é um produto da natureza e, particularmente da natureza humana. (PARK, 1916).

A metrópole, de alguma forma, está impregnada em nós. Vivemos na cidade e transitamos por ela quase que permanentemente. Dificilmente refletimos sobre nossa condição subjetiva perante ela. Sempre nos vemos na cidade enquanto indivíduos, trabalhadores com objetivos certeiros. O ir e vir cotidiano muitas das vezes nos torna incapazes de uma percepção mais aguçada sobre as imagens que nos são expostas pela metrópole todos os dias.

O presente trabalho é em grande parte resultado de nossas experiências na metrópole. Reflete um pouco de nossas ansiedades, inquietudes e aflições. Nossa maneira de perceber o espaço metropolitano parte de nossa experiência na metrópole e por isso, tem uma caracterização bastante fenomenológica. Parte um pouco do sentimento que experimentamos ao transitar pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. A vasta bibliografia, portanto, nos permite abranger nossas análises para uma caracterização das metrópoles de uma maneira mais geral.

É verdade que, a principio, enfatizamos um olhar mais panótico sobre os fenômenos apontados. Contudo, em certa medida, tentamos aprofundar um pouco mais aqueles elementos mais sensíveis às nossas inquietações.

Por estarmos vivenciando um momento de grandes transformações, sentimo-nos muitas vezes acuados em realizar determinados tipos de trabalho como esse, por exemplo. A dinâmica social hoje é tão intensa e complexa, ao mesmo tempo, que as análises tendem a ser esvaziadas em alguns aspectos, pois torna-se eminentemente necessária a primazia por alguns elementos mais significativos para a elaboração de pesquisas. Este

Abstract This work aims to demonstrating how the relation multifaceted of territorialization of capitalism in metropolis identities constructions occurs. This territorialization is conceived as ‘symbolic appropriation’ of cultural identities values, which are the important components of a society. In this way, capitalism tends to appropriate human actions guided by some interest. Through high capitalism profit the urban man feels an identity crisis. This man observes the space that he has produced and recognizes himself as a strange. He sees a low capacity of articulations and social mobility . The social urban movements are weaken and the urban space becomes a capital territory.

trabalho não consegue evitar essa ocorrência. Nosso trabalho propõe um diálogo com diversos campos do conhecimento. Buscamos nos aproximar da sociologia, da economia, da fenomenologia, com o objetivo de tentar não apenas apontar o fenômeno, mas buscar, em certa medida, entender os processos que o culminaram, sem, contudo deixar de caracterizar o fenômeno a partir de um viés geográfico.

Antes de iniciarmos nosso trabalho, porém, buscaremos ilustrar um pouco da sensação que experimentamos na metrópole e que nos impulsionou a escrever este texto. Ao transitarmos pela metrópole, com um ritmo sempre muito acelerado, com o tempo quase sempre limitado pelos horários de chegada e saída de nossas atividades diárias, pouco paramos para refletir sobre os processos que se imbricam e relacionam na construção do espaço metropolitano em que vivemos.

No entanto, ser geógrafo requer de nós este tipo de exercício. Impregnadas dos referenciais teóricos, oferecidos pela academia, nos dispomos a observar a paisagem urbana buscando encontrar alguns elementos que nos levasse, direta ou indiretamente, aos processos que condicionaram o espaço metropolitano e por conseqüência, os ritmos de vida que ali se perfazem todos os dias.

O que mais nos chamou a atenção, em nossas experiências diárias, foi a existência acentuada do individualismo e da atitude blasé no ambiente citadino. Os homens tornaram-se mais individualistas que indivíduos. Em nossa visão panótica não conseguimos enxergar os movimentos sociais. Vimos um homem que luta pelos seus próprios interesses, pela sua promoção e que a todo o momento se esquiva do outro por ver neste outro um concorrente em potencial.

A atitude blasé, diz respeito à indiferença. Aquela sensação de apatia frente ao caos social que a sociedade urbana capitalista promulgou à nossa geração. São tantas misérias, tantos miseráveis; São tantos absurdos, tantas aberrações; São tantos escândalos e tantas escabrosidades com as quais nos relacionamos todos os dias sem sequer levantarmos uma sobrancelha de espanto.

Será que já nos acostumamos com isso? Ou será nosso olhar, já turvo pela nossa experiência metropolitana, que nos impede de ver as reações. Buscamos muito tentar enxergar uma reação, mas não as encontramos efetivamente em nossa trajetória. Talvez não a tenhamos encontrado na forma em que estávamos procurando. Nossa geração quando busca movimentos sociais, quando busca reação, tem como referencial àqueles movimentos sociais ocorridos durante os anos 60 e 70. Movimentos que vimos pela TV e que ouvimos nossos pais e avós falar com muito entusiasmo.

Não encontramos esses movimentos hoje e por isso nossa análise é esvaziada desta perspectiva. É importante ressaltar que o esvaziamento desta perspectiva, porém, não se deu a priori da realização do trabalho, mas terminantemente em seu resultado final. Tanto que durante todo o trabalho estamos em busca dela.

Procuramos enfatizar, então, quais são os mecanismos, os processos que culminam essa tão estranha condição urbana. Nossa perspectiva fundamental é a de que a escassez de trabalho e as novas formas de relação entre capital e trabalho, corporificam uma nova condição social e humana.

A necessária e constante qualificação do trabalhador, o aumento do número do exército de reserva, a diminuição dos postos de trabalho, resultam em uma nova forma de ralação do homem com o homem. As mobilizações sociais tendem a diminuir, enquanto a individualidade se exacerba.

Pensamos que tudo isso faz parte de uma grande estratégia em que a territorialização do capitalismo desterritorializa, por conseqüência, o homem urbano do espaço em que vive. Como resultado, aparecem novas formas de organização social e mobilização de classe. Talvez, por esta nova e complexa dinâmica socioeconômica, nossa busca pelos movimentos sociais urbanos, baseados nos referenciais de uma organização social já superada, não tenha encontrado êxito.

A metrópole e as mudanças

O momento atual experimenta uma efervescência intensa de relações dentro da sociedade, estimulado pelas transformações inerentes ao modelo produtivo. Segundo alguns teóricos, como Harvey, por exemplo, vivenciamos um momento de transição que irrompe a rigidez fordista introduzindo formas de produção mais flexíveis. Ao compactuarmos com a idéia de que esse momento deve ser visto ainda como um processo em andamento e não já o resultado específico dele, escolhemos a metrópole como cenário onde tais transformações podem, além de serem visíveis, tornarem-se sensíveis.

A cidade é o lócus principal da atividade capitalista. Embora não mais pela concentração das atividades econômicas industriais, mas ainda como centralizadora da dinâmica destas atividades. É na metrópole, e ao mesmo tempo através dela, que os capitais têm adquirido novos contornos e, conseqüentemente, novo fôlego.

A metrópole não deve ser vista como palco, objeto passivo frente ao processo de mudança. Ao contrário, se configura como elemento chave, receptáculo e detonador, ao mesmo tempo, de novas formas de organização sócio-econômica.

Harvey (1989) aponta que, para a consolidação de um novo modelo produtivo, é necessário à construção de novas representações para o espaço e para o tempo que sirvam como propulsoras e ao mesmo tempo legitimadoras de uma nova organização sócio-produtiva. Benko (1995) afirma que a reestruturação no modelo produtivo requer um novo sistema de regulações que torne possível a emergência de uma nova conformidade social à dinâmica do capital.

Este trabalho tentará articular como as novas representações espaço-temporais se imbricam com o novo sistema de regulações na construção de identidades metropolitanas que não apenas reafirmam, mas impulsionam, a reestruturação econômica em andamento. Neste contexto, a metrópole contemporânea torna-se objeto rico para as análises propostas.

As concepções de tempo e espaço

É corrente na literatura geográfica a expressão ‘compressão tempo-espaço’. A velocidade do tempo (cronológico e linear) tornou menor a distância e há quem afirme que o espaço foi comprimido pelo tempo. Harvey (1989) esclarece o que pretende indicar com o uso da expressão ‘compressão do tempo-espaço’:

“Pretendo indicar com esta expressão processos que revolucionaram as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, ás vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos. Uso a palavra ‘compressão’ por haver fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo da vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós.” [1]

O tempo cronológico, abstrato, a-natural, influencia concretamente a sociedade, ditando o ritmo das experiências diárias. A expressão time is money evidencia a importância que a dimensão temporal adquiriu na sociedade atual. “É preciso ganhar tempo”, otimizando a produção, diminuindo o trajeto das mercadorias, encurtando distâncias entre produtores e consumidores. Simmel [2] aponta que o ritmo das atividades metropolitanas é tão intenso que não fosse pela contagem cronológica do tempo (matemático e exato) a vida na cidade se transformaria em um verdadeiro caos. Aponta também que os homens do século XVIII lutaram para se libertar das instituições que os amarravam. Ironicamente, o homem moderno tornou-se presa do tempo. A atividade biológica foi condicionada ao ritmo das fábricas. O tempo do lazer – hoje já cooptado pelo capitalismo – é realizado nos interstícios da produção.

O tempo visto como fluido e dinâmico condicionou, durante longo período, o espaço como elemento inerte, algo fixo e, por isso, desconsiderado de importância frente à dinâmica do capital. No início do processo de consolidação do capitalismo, ainda como resquício do feudo, o lugar e a região eram de fato categorias fundamentais para a sociedade. O espaço externo às atividades diárias era visto como o estranho e o inexplorado.

Segundo Harvey (1989), a partir do Renascimento, o espaço (visto como dimensão externa ao lugar) ganhou importância frente à dinâmica social. Não pelo conteúdo social que abarcava, mas pela lógica racional capitalista que impunha a necessidade de expansão e apropriação de novos espaços.

Mais recentemente, os estudos sobre a dimensão espacial ganham corpo e verificam que o espaço é uma categoria fundamentalmente importante para aquelas análises que desejam desvendar a organização sócio-econômica de um determinado momento histórico.

O espaço não foi comprimido pelo tempo e tampouco deve ser visto como algo inerte, pois ele é resultado da dinâmica social. No espaço se materializam as estratégias de controle e luta social. A idéia de que o espaço fora comprimido pelo tempo é uma alusão capitalista que pretende retirar do espaço seu conteúdo sócio-político e embotar os conflitos que estão intrínsecos em seu processo de produção/reprodução.

Neste sentido, Carlos (2001) nos traz uma importante contribuição acerca das novas relações espaço-temporais que emergem no atual contexto de globalização. Para a autora:

“O espaço que se constitui em articulação entre o local e o mundial, antes de anular o espaço, realiza-se reproduzindo o espaço como elemento estratégico à reprodução da sociedade. Novas atividades criam-se no seio de profundas transformações do processo produtivo, em que o tempo se transforma, comprimindo-se. (...) Constatam-se hoje profundas e amplas transformações espaciais, mas em vez da anulação, do espaço, o que se

revela é a sua reafirmação, pois é cada vez mais importante dentro da estratégia reprodução”. [3]

Associar a fluidez do tempo com a dinâmica social que produz/reproduz espaço - tanto nas formas como nos conteúdos -, mantendo a hegemonia dos grupos de interesses ligados ao capital, não é tarefa fácil. Embotar os embates que se circunscrevem na produção de espaços da rapidez e espaços da lentidão; espaços luminosos e espaços opacos; espaços que mandam e espaços que obedecem [4] , concerne a um conjunto de regulações institucionais e legítimas a todo o conjunto da sociedade.

A partir destas perspectivas, percebemos que algumas concepções de tempo e espaço buscam a hegemonia. São, então, estas concepções que influenciam, direta ou indiretamente, a construção de um determinado estilo de vida. Desta forma, busca-se atender as necessidades de uma nova forma organizacional da produção capitalista.

Sistema de regulações

Segundo Benko (1995), o sistema de regulações deve ser entendido como um conjunto de processos político-econômicos que medeia os interesses macroeconômicos envolvidos no processo de globalização e a dinâmica organizacional das economias nacionais. O Estado surge como instância social significativa, pois, representa, de forma legítima, os interesses do conjunto da sociedade. Além disso, um novo modo de regulação político-social não emergirá apenas a partir de uma política estatal coercitiva. O Estado tem papel importante sim, mas principalmente naquela parte que diz respeito à oficialização deste novo conjunto de regulações.

São nas formas não estatais que se encontram os mecanismos primordiais para que o homem, enquanto indivíduo, encontre um modo específico de viver, de pensar e sentir a vida. As artes, o cinema, a literatura, a mídia, incutirá nos indivíduos que há uma nova maneira de viver a vida. É tornando a experiência da compressão tempo-espaço desejável aos homens que um novo conjunto de regulações sócio-politicas emerge da própria dinâmica social para, posteriormente, ser legitimada pelo Estado.

O papel interventor do Estado é fundamental para a compatibilização dos diferentes tempos que coexistem na metrópole. Carlos (2001) enfatiza bastante este papel exemplificando as ações estatais na metrópole paulista. É ele também o agente mediador entre os interesses públicos e privados que se imbricam na produção/reprodução do espaço. Não se opera mudanças no padrão de produção sem que se promovam mudanças na estrutura social e o Estado, não apenas potencializa as mudanças, mas, sobretudo as legitima.

Apesar de mediadoras, as ações estatais subvertem a lógica da representação social democrática e tendenciam a privilegiar as estratégias do capital. A dissimulação das desigualdades, a partir da tentativa de homogeneização do espaço, é tão eficiente que o homem das metrópoles contemporâneas, principalmente, assiste atônito sua própria desterritorialização [5] .

“O espaço revela em seu processo de reprodução interesses divergentes que encontram uma“unidade” no Estado, que tem a seu cargo a orientação e a definição de metas que planificam o espaço. (...) O estado desenvolve estratégias que orientam e asseguram a reprodução das relações no espaço inteiro. Assim, o espaço se revela como instrumento político intencionalmente organizado e manipulado pelo Estado (...)” [6] .

Um tanto quanto passivo e inerte o homem metropolitano vai sendo, aos poucos, esvaziado de significado social. Não reconhece, mas experiencia o sentido alienado de sua existência. Sua condição como engrenagem no sistema o faz reproduzir sua existência de acordo com um sistema de regulações que não o representa e que é resultado de um conjunto de representações espaço-temporais abstratas, vazia de conteúdos e significados para ele. Segundo Simmel:

"O indivíduo é reduzido a uma quantidade negligenciável, talvez menos em sua consciência do que em sua prática e na totalidade de seus obscuros estados emocionais derivados de sua prática. O indivíduo se tornou um mero elo em uma enorme organização de coisas e poderes que arrancam de suas mãos todo o progresso, espiritualidade e valores, para transformá-lo de sua forma subjetiva na forma de uma vida puramente objetiva. Não é preciso mais que apontar que a metrópole é o cenário dessa cultura que extravasa de toda vida pessoal". [7]

O estranhamento: a metrópole como fábrica de estrangeiros e de identidades abstratas.

Carlos (2001), utilizando o exemplo da OUFL - Operação Urbana Faria Lima - na metrópole de São Paulo, ressalta que o Estado, de posse de um moderno aparato tecnológico e aliado ao capital, destrói e constrói novos espaços urbanos. Essa brusca e, atualmente, constante mudança na morfologia da cidade cria uma dificuldade para o indivíduo de (re)significar os lugares das experiências cotidianas. As intervenções urbanas que objetivam potencializar conteúdos espaciais para a atividade econômica – resultante da reestruturação produtiva – dificultam a busca de referenciais para o indivíduo.

Carlos (2001), aponta ainda que esta mudança na morfologia urbana é o cerne para o que ela chama de estranhamento que é uma condição urbana provocada pela:

"(...) constante renovação/transformação do espaço urbano por meio das mudanças morfológicas da metrópole que produz transformações dos tempos urbanos da vida, nos modos e tempos de apropriação/uso dos espaços públicos. A cidade aparece como exterioridade; ela está fora do indivíduo, apontando para uma condição de alienação" [8] .

Em conseqüência a este estranhamento, a esta condição de alienação do homem diante da cidade, emergem as identidades abstratas que segundo a mesma autora:

"são produzidas como conseqüência da extensão do mundo da mercadoria, que invade e transfigura a vida cotidiana, em que os signos proporcionam o modelo para manipular pessoas e consciências, organizando as relações sociais direcionadas pelo consumo do espetáculo" [9] .

Simmel (1967) aponta que é a intensificação dos ritmos e das atividades citadinas que provocam no indivíduo – quase que como uma reação fisiológica – a atitude blasé [10] . Nesta perspectiva, é a intensidade dos fluxos e não as mudanças na morfologia dos fixos – sugerido por Carlos– que suscita o esvaziamento social do individuo urbano. Contudo, as análises de ambos os autores não devem ser vista como contraditórias, mas sim complementares, garantindo uma riqueza ainda maior para os estudos sobre a construção das identidades urbanas.

Nas análises de Simmel a atitude blasé ganha significativa importância, pois ao mesmo tempo em que ela é resultante da intensificação das

atividades capitalistas nas cidades é também condição para o aprofundamento de uma organização social fragmentada e contraditória que encontra uma lógica comum na economia do dinheiro.

A atitude blasé corporifica dois aspectos fundamentais. O primeiro é a indiferença, resultante da incapacidade de reagir diante de tantos estímulos que as atividades metropolitanas incutem nas experiências cotidianas dos indivíduos. A segunda é a perda da capacidade de discriminar. A experiência de vida na metrópole causa um ofuscamento dos sentidos e a normatização das atividades e dos ritmos impõe uma uniformização dos espaços, dos comportamentos, da linguagem.

A sensação de estranhamento e a atitude blasé se associam com a construção das identidades abstratas contribuindo para a territorialização do capitalismo nas grandes metrópoles. Mas essa territorialização ganha ainda mais vigor com a emergência de um quarto aspecto identitário que emerge nas metrópoles contemporâneas: a figura do estrangeiro.

Cecília Mariz, professora da Universidade Federal de Pernambuco, traz uma contribuição de significativa importância para as análises que concernem ao comportamento metropolitano. Mariz (1988) [11] faz uma interpretação dos artigos de Simmel e Schutz que abordam a temática do estrangeiro. A autora busca uma relação entre a condição de estrangeiro e a condição metropolitana moderna. Nesta perspectiva, ela aponta que:

“A mobilidade geográfica da sociedade moderna não é o único processo que transforma indivíduos em estranhos. A mobilidade social e as rápidas transformações desta sociedade também lançam indivíduos em diferentes ambientes e situações, nas quais ele é “um de fora” e, tal como um estrangeiro numa terra desconhecida, precisa usar técnicas adaptativas, precisa ser ressocializado. Portanto, pode-se dizer que a sociedade moderna é uma produtora de estrangeiros, ou mais precisamente de estranhos” [12] .

As noções de proximidade física e distâncias simbólicas, concernentes à figura do estrangeiro, analisada desta forma por ambos os autores, é bastante ilustrativa nas perspectivas sociológicas que tentam dar conta de explicar o relacionamento humano e social nas metrópoles. O objetivo de Mariz é enfatizar, a partir das análises de Simmel e Schutz, o entendimento da sociedade moderna através da compreensão da subjetividade e vida psicológica dos homens modernos. Especificamente a autora procura entender a inserção do homem em uma sociedade que privilegia uma visão de mundo individualista e racional.

Segundo os autores, o estrangeiro é aquela figura social que está perto e longe. Perto fisicamente, mas distante simbolicamente do grupo social em que está inserido. O estrangeiro é aquele que serve as necessidades imediatas do grupo local, mas que não pode (porque não sabe; porque não quer; porque não lhe permitem) intervir no esquema organizacional do grupo.

Como não se sentir um estranho – estrangeiro – diante das novas representações espaço-temporais que aludem as inquietações de uma outra cultura (na maioria das vezes norte-americana) que não a cultura local? Como não se sentir um estrangeiro frente a um sistema de regulações que prioriza a produção de espaços privados ou privativos, em detrimento de uma representação social majoritária? Como não se sentir um estranho quando, ao transitarmos pela metrópole, percorremos espaços tão diferenciados em suas formas e conteúdos?

Essa condição de estranhamento advém de nossa condição alienada. A dinâmica produtiva chegou a uma dinâmica tão intensa que aliena o homem do trabalho, que não o liberta; do espaço, que ele produz, mas não reconhece; do produto que ele produz, mas não tem acesso; da sociedade, que ele se insere, mas não intervém. Desta situação eclode uma série de problemas que envolvem prática social, representação, e estratégias de territorialização do capital.

A territorialização do capitalismo e a crise de identidades: uma relação de reciprocidade

Nesse contexto, a relação multifacetada da territorialização do capitalismo acaba por construir um novo homem dotado de várias características tais como: insensibilidade (‘atitude blasé’ as desigualdades sociais); praticidade (calculista); individualidade; mutação (extensão da máquina) e efemeridade (substituível), mas todas as metamorfoses convergem para um único ponto – a relação em que se constitui a destruição/construção das identidades metropolitanas.

Nem sempre esta relação é facilmente absorvida e aceita. Situação que pode fomentar crises de identidades ou mesmo movimentos sociais contrários ao espraiamento da territorialização do capitalismo. No entanto, a pouco expressividade dos movimentos sociais urbanos hoje, indiciam que esta expansão territorial capitalista cria tentáculos que dominam todas as esferas inerentes ao funcionamento da sociedade, sendo, portanto, um fator fundamental para a retro-alimentação do sistema e confirmação do *status quo* vigente.

Esta expansão territorial capitalista se efetiva basicamente na metrópole porque, segundo Simmel (1967), esta é o lócus da economia monetária, logo da atividade capitalista, onde há uma efervescência também das relações sociais e políticas. É neste sentido que o homem metropolitano ‘deve’ ser capturado pelo sistema capitalista, adquirindo características que o tornam indiferente a certos acontecimentos – ‘atitude blasé’.

A vida parece ocorrer com mais velocidade tornando às vezes o tempo escasso, pela enorme demanda de atividades que o homem metropolitano pretende realizar no seu dia - a - dia. O tempo parece estar reduzido, principalmente se comparado ao estilo de vida no campo, onde os acontecimentos fluem num ‘tempo normal’.

Nesta vida dinâmica e ‘comprimida’ o homem metropolitano acaba por receber uma série de informações em curto período de tempo. Sua reação, a atitude blasé, lhe confere uma insensibilidade terrível, por exemplo, quanto ao aumento desenfreado do número de moradores de rua e, principalmente, acerca de sua própria condição de miserabilidade.

Assim, Simmel (1967), enfatiza que o homem metropolitano vivencia uma experiência única, pois mesmo com tantas possibilidades de interações (comercial ou social) que a metrópole oferece é crescente a individualidade. Esta postura individualista torna o homem urbano hermético a relacionamentos, perdendo a noção de vida em sociedade, o que acaba culminando numa letargia emocional e uma banalização das atrocidades ocorridas no cotidiano.

Ao ser absorvido nessa dinâmica do capital, o homem urbano se torna um instrumento da economia monetária ao ‘aceitar’ os princípios logísticos que giram em torno da cultura do dinheiro, que o impregna com a concepção de

que tudo se reduz a um valor. “O dinheiro se refere unicamente ao que é comum a tudo: ele pergunta pelo valor de troca, reduz toda qualidade e individualidade a questão: quanto?” (Simmel, 1967:15).

Retornando ao exemplo citado anteriormente, sobre o aumento desenfreado do número de moradores de rua e as condições de miserabilidade em que grande parte da população urbana está inserida, tal condição é vista pelo homem metropolitano como resultado da falta de esforço individual, sobriedade, hábitos de autodisciplina, trabalho duro. Se os moradores de rua vivem nesta posição é meramente por falta de perspicácia e não culpa do sistema capitalista, pois este se constitui o lócus ideal para o indivíduo ‘crescer’, ratificando, portanto a exaltação do sistema econômico vigente.

“Os individualistas atribuem a maior parte da desigualdade as tentativas bem - intencionadas, contudo contraproducentes, de resolvê-la por meios institucionais. Eles vislumbram a origem da desigualdade nas naturais e inevitáveis diferenças entre os indivíduos. Por fim, nem todo o mundo tem ambições materiais, e fatores como sorte e dons inatos desempenham também o seu papel na explicação da desigualdade. É de se notar que os mais radicais ou coerentes individualistas recusam a própria noção de desigualdade, pois isto significa que ela é indesejável e deve ser combatida. Eles argumentam que, se os indivíduos são livres para ir em busca de seus interesses, sejam quais forem os resultados, não há sentido em comparar sua situações como todos almejassem o mesmo objetivo” [13] .

O Homem urbano a evolução técnica: uma necessidade constante de mutação

As metamorfoses do homem metropolitano estão longe de serem extintas, ele também acaba se transformando num mutante, ao se tornar extensão do projeto da evolução tecnológica:

“Uma história geral, mas simplificada, dos instrumentos artificiais utilizados pelo homem, seria resumida em três palavras: a ferramenta, a máquina, o autômato. Suas definições revelam momentos decisivos na evolução das relações entre o homem, o mundo vivo, os materiais, as formas de energia. A ferramenta é movida pela força do homem, inteiramente sob o seu controle; a máquina, também controlada pelo homem, é um conjunto de ferramentas que exige uma energia não-humana; o autômato, capaz de responder as informações recebidas, nessas circunstâncias foge ao controle humano.” [14]

Partindo dessa premissa, a utilização/aprimoramento das técnicas foi vista em três formas distintas na história: primeiro foi considerado como extensão do corpo humano (ferramenta), segundo dissociação do homem e ferramenta (máquina) e por último a técnica aparece como substituição do homem (automação), mas todos carregam implícita ou explicitamente, o desvanecimento da essência e de lugar de pertencimento do homem metropolitano frente a própria cidade.

Santos (1996) assegura que “da técnica em geral, costuma-se dizer que ela é irreversível, isto é, que uma vez uma inovação implantada é impossível viver sem ela”. Cabe ressaltar que, a evolução tecnológica se manifesta aceleradamente pelo input maciço de capitais nos diversos setores da economia, sendo imprescindível para a reprodução do sistema capitalista. Neste momento sobressai a efemeridade do homem metropolitano intrinsecamente ligada a evolução tecnológica.

A comparação entre o homem metropolitano e o homem rural (em dois momentos históricos diferentes) pode ser bastante ilustrativa. No primeiro momento, o homem metropolitano levaria enorme vantagem sobre o homem rural. Concebido a metrópole como a sede da economia monetária, o homem metropolitano se constituiu numa mão-de-obra seqüencialmente: especializada, qualificada, bem remunerada. Somado a esta vantagem o número de postos de empregos na metrópole eram superiores àqueles encontrados no campo.

Hoje, o segundo momento histórico analisado, ocorre uma mixórdia na construção/destruição dos postos de trabalho e manutenção/instabilidade do emprego. Situação que subjuga tanto o homem do campo quanto o metropolitano às conseqüências devastadoras provenientes da evolução tecnológica (da introdução da máquina no sistema produtivo, da automação da linha de montagem), da reestruturação da relação capital/trabalho e, conseqüentemente, da diminuição da remuneração do trabalhador.

Tais fatos criam, principalmente no homem metropolitano, uma insegurança e uma necessidade constante de trabalhar ininterruptamente como máquina para manter sua renda obtida em 'tempos áureos', não distinguindo o tempo de lazer e o de trabalho. Com isso, o tempo livre acaba se exaurindo, remontando a questão de que o indivíduo não é dono do próprio tempo, da sua vida. O tempo e espaço são dominados pela lógica capitalista e se materializa na metrópole a premissa de que "quem detém poder/capital manobra o tempo alheio".

Desta forma, quando o homem metropolitano não consegue garantir seu *status quo*, a frustração e medo emergem num vulto sem precedentes. O medo de ser substituído pela máquina ou por outro ser humano implica uma situação submissa do homem urbano à lógica capitalista que determina sua condição de existência.

A dimensão simbólica e o preenchimento do vazio.

O que se observa na metrópole é a (re) territorialização do capital. Chamamos de (re) territorialização porque as formas de apropriação do espaço e de espraiamento do capital, hoje, são diferentes daquelas que iniciaram sua mundialização por volta dos anos 50 e 60.

A condição de estrangeiro, a sensação de estranhamento provocam uma sensação de vazio no homem, enquanto ser, que precisa ser preenchida. É nesta atmosfera que o capital encontra terreno fértil para propagar seus elementos representativos e reprodutivos, preenchendo, conseqüentemente, de sentido, a experiência humana.

Em meio a intensificação dos ritmos, das mudanças na morfologia urbana que causam por decorrência a atonicidade do homem urbano, emergem os símbolos e as formas de representação que vão nortear o comportamento e os hábitos do indivíduo urbano.

Santos (2001), em A natureza do espaço, contribui de forma significativa para a compreensão deste contexto. Para entender o dinamismo das transformações do mundo atual, Santos se utiliza dos conceitos de Tecnosfera e Psicosfera. A primeira representa a esfera da produção e a segunda o reino das idéias. Encontramos em Santos a seguinte citação:

"Essa psicosfera, diz A. C. T. Ribeiro (1991, p.48), "consolida a base social da técnica e a adequação comportamental à interação moderna entre

tecnologia e valores sociais" e é por isso mesmo que "apóia, acompanha e, por vezes, antecede a expansão do meio técno-científico" [15] .

A psicosfera, ainda segundo Santos, fornece regras a racionalidade e estimula o imaginário. Representa a instância simbólica que circunscreve o mundo prático e valida as ações cotidianas, hoje, totalmente cooptadas pelo sistema capitalista.

O ambiente da metrópole possui uma psicosfera única, cingida por uma gama de símbolos que estruturam as atividades ali desenvolvidas. O jogo ideológico ganha força na cidade através de sua forma que estandartiza o efêmero, a mercadoria e a individualidade humana.

A ideologia ganha espaço através da crise de identidades que se verifica na metrópole. Ela deixa de restringir-se ao campo das idéias para adquirir materialidade através de uma práxis social alienada que flui no ambiente urbano. Os símbolos tornam-se então elementos de referência para aqueles que se encontram perdidos.

A forma das avenidas, a arquitetura dos prédios, os anúncios luminosos criam um ambiente propício a (re) territorialização do capital frente a sua nova forma adaptativa. O homem metropolitano torna-se presa fácil a desarticulação social, à fragmentação das experiências cotidianas e a crise subjetiva.

A crise identitária e as práticas sociais

A esta altura podemos perceber que a crise de identidades que ocorre nos grandes centros urbanos não é uma peça vã na estrutura social vigente. A alienação em que o homem da cidade submergiu pode ser percebida, como foi vista anteriormente, em diferentes esferas comportamentais, que são convergentes entre si.

O estranhamento, a identidade abstrata, a atitude blasé e a figura do estrangeiro são, na verdade, formas sociais resultantes da dinâmica capitalista na esfera urbana, mas que também mostram-se como o cerne de seu desenvolvimento. Essas formas não são pacíficas, elas buscam referências que norteiem suas experiências. O problema é que os referencias encontrados na metrópole são aqueles símbolos carregados de ideologia que constituem a psicosfera e dinamizam ainda mais o mundo da produção.

Em meio a crise identitária e a perda de referências coletivas, em detrimento da intensificação dos fluxos e da constante alteração na forma dos fixos, o dinheiro aparece como elemento comum a todos os indivíduos. Também neste ponto as análises de Harvey e Simmel, são convergente. Simmel (1967) aponta que o dinheiro torna-se o mais assustador dos niveladores, pois expressa todas as diferenças qualitativas em termos de "quanto?". Harvey (1989), no capitulo 18 de sua obra [16] , aponta que, em ambos os filmes analisados, "o dinheiro aparece como forma de vínculo social e fornece o quadro necessário no âmbito do qual é possível encontrar algum sentido de propósito comum".

Esta situação é perfeita para que haja o fortalecimento das atividades capitalistas. Mais que isso, o dinheiro, enquanto único vínculo de uma sociedade que vive uma crise de referências, aponta como referencial a lógica capitalista de produção. Observamos que a crise identitária que sofre os habitantes da metrópole é ao mesmo tempo condição e conseqüência para a (re) territorialização do capitalismo.

Que práticas sociais podemos esperar deste grupo de indivíduo? Qual mecanismo lhes assegurará a participação na esfera política do grupo? Nos reportaremos a figura do estrangeiro para avaliar que o homem que habita a metrópole moderna, mesmo sendo engrenagem importante na produção do espaço, não reconhece o espaço como uma produção sua. Assim o indivíduo urbano (o estrangeiro), pode também ser comparado a figura de imigrante apontado por Santos. O autor afirma que a mobilidade do mundo atual obriga o homem a ser um imigrante, vagando de lugar a lugar. Diante deste quadro afirma:

"Vir para a cidade grande é certamente deixar para trás toda uma cultura herdada para se encontrar com uma outra. Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja a história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação." [17] .

Observando a passagem de Santos podemos complementar que a situação do homem urbano não é muito diferente. Apesar de terem parte no processo de construção do espaço urbano, os citadinos, não reconhecem esse espaço como produção sua. O estranhamento também provoca alienação. A cidade torna-se o lócus da materialização das ideologias capitalistas. O capital se territorializa, enquanto o homem sofre um processo de desterritorialização. Os processos são complementares e convergem para a manutenção de um determinado status quo.

A materialização espacial da crise identitária através das estratégias de apropriação capitalista

Em meio a crise de identidade e a busca incansável por referência, o cosmopolitano busca agrupar-se com aqueles que lhes são mais familiares. Observamos na cidade a fragmentação subjetiva e a conseqüente, fragmentação do território, enquanto dimensão simbólica.

Um dos maiores exemplos de compatibilização de identidades e a busca de referenciais comuns que convergem para formações territoriais é o agrupamento social em condomínios fechados. Aqui, mais que uma dimensão simbólica, a estrutura organizacional do grupo ganha dimensão concreta através da delimitação física do espaço urbano em benéfico de um agrupamento privado. Há que se ressaltar que a maioria dos indivíduos que compõem este grupo são precedentes da classe social mais atrelada as funções e atividades capitalistas. Os outros grupos sociais criam guetos, ou formações territoriais cíclicas, mas que não se corporificam no âmbito do espaço urbano concreto.

As favelas talvez pudessem ser a exceção para este caso, mas apesar de estarem materializadas no espaço, enquanto território simbólico e exercício de poder de uma classe social mais pobre, não ganham legitimação jurídica, como os condomínios de alto luxo ganham. Oficialmente, a favela continua a ser um espaço público, e por isso acessível a qualquer cidadão, o contrário ocorrendo com os condomínios.

A conclusão que podemos apontar é a de que as mudanças nos referenciais identitários provocadas pela reestruturação do sistema capitalista não são desprovidas de objetividade. Ao tornar o ambiente metropolitano mutável, favorecendo a intensificação dos fluxos, ocorre, por conseqüência, uma crise subjetiva do citadino que busca fervorosamente novos referenciais. Os símbolos e a ideologia burguesa apontam o dinheiro como elemento de vinculo social capaz de promover a diferenciação (daquilo que o capitalismo fez questão de tornar homogêneo) a partir da valoração em

dinheiro. Esta estratégia cada vez mais entranha a metrópole da lógica capitalista e tende a esvaziar o homem de conteúdo social.

Modernidade, caos da pós-modernidade e práticas sociais

Nos apropriaremos das imagens de dois filmes: Tempos Modernos e Blade Runner para retratar diferenciados momentos históricos que vão exemplificar o desenvolvimento da territorialização do capitalismo sobre a crise de identidadee que se instalou na metrópole moderna.

O primeiro filme, de forma sarcástica e bem humorada, mostra criticamente o auge e a crise do processo da modernidade. Esta é causada pela introdução de um novo modo de produção, com a utilização da esteira (empregada pelo sistema fordista), evidenciando a total alienação do citadino, tanto no nível de como produzir, como no ritmo da produção, mas também quanto o modo de agir dentro e fora da fábrica, evidenciando assim que o individuo foi totalmente capturado pelo sistema.

Desta forma, as mudanças nos referenciais são provenientes da aceleração do tempo e da constante transformação dos espaços, que incompatibilizam ainda mais as atividades desenvolvidas no meio urbano com as atividades que garantem uma determinada experiência subjetiva da vida. A individualidade, a especialização do trabalho mostrada no filme, confere ao homem urbano uma situação de solidão e automação. A fragmentação da sociedade atende as perspectivas da desarticulação de classe. Enquanto os homens se deflagram buscando se diferenciar, em contraste com o tom de homogeneização conferido pela lógica do capital, o sistema capitalista ganha unidade.

Já no filme Blade Runner o momento ocorre após as crises econômicas do processo de desindustrialização. Analogicamente, o filme retrata o caos da sociedade pós-moderna (entendida aqui na perspectiva de uma sociedade pós-industrial).O filme retrata a busca pela identidade perdida em face da retirada das próprias capacidades e sentimentos humanos em decorrência do avanço tecnológico, da desindustrialização, da competição e da individualidade exarcebada, fatos corriqueiros na realidade.

Em Tempos Modernos ocorrem as greves que rondam as fábricas, no Blade Runner o individuo encontra-se no seu estágio mais depreciativo, que é de inércia dentro de uma sociedade decrépita. Tanto os filmes, quanto a realidade mostram, que a sociedade urbana tem pouca ou inexpressiva articulação, enquanto os espaços urbanos tornam-se corporativos [18] , validando as ações e estratégicas de reprodução do capital.

O questionamento que se põe em nossas análises é aquele que traz a tona a lei universal da física que segundo explicita Newton, “para cada ação existe uma reação”. Em todo momento de crise, ocorrem levantes sociais.

Onde estão os movimentos urbanos hoje? O individualismo é tão intenso que cada qual busca defender seu próprio interesse, não questionando a

ordem vigente. As mobilizações sociais ocorrem mais de forma pontual e acionam mecanismo em defesa do interesse comum a um determinado grupo de pessoas. O que podemos esperar em termos de práxis social reivindicativa de direitos das populações urbanas? Onde buscar referenciais outros que não aqueles que a metrópole nos impregna?

Conclusão

Ao analisarmos a produção e reprodução do sistema capitalista na construção das identidades metropolitanas, percebemos que este segue uma cartilha de preceitos básicos, que no espaço se efetivam de forma heterogênea, mas com a essência intacta - relação de poder (dominado/dominador) para obtenção do lucro. Esta essência intacta vai produzir uma série de ramificações, que se inter-relacionam e irão delinear o espaço, provendo uma nova mentalidade e condicionando as atitudes do homem metropolitano.

Partindo da premissa das inter-relações, as concepções de tempo e espaço são construídas, de forma que ambas expressam relação de dominação. O tempo (tanto o nosso quanto o alheio) é captado pelo sistema produtivo, não somos mais livres, somos 'escravos' das horas – do sistema, e quem as domina regula o processo produtivo que, por conseqüência, influenciam na produção do espaço metropolitano.

Essa relação de dominação tem sido ratificada pela ação do Estado, que age através do sistema de regulação. Assim o Estado possui o papel crucial de gerenciar, articular, regularizar, através da sua capacidade interventora, de modo direto ou indireto, a efetivação do sistema capitalista, principalmente no que tange a regulamentação da legislação trabalhista e nas formas de apropriação dos espaços. Conseqüentemente, o Estado possibilita e legitima a alienação do homem metropolitano.

A apropriação do espaço, segundo os preceitos do sistema produtivo vigente, aliena e manipula o individuo, a seu bel prazer. Com isso, o homem urbano se torna um estranho nesse processo. Ao ser condicionado pelo sistema, o homem passa a sentir um misto de impotência e indiferença frente as dinâmicas envolvidas na organização sócio-econômica.

Não ocorre somente a crise de identidade, mas também o processo de mutação, quando o individuo torna-se um mutante por se adequar aos 'caprichos' do sistema capitalista. Isto ocorre quando o individuo é utilizado de diversas formas na maturação deste processo, principalmente na evolução tecnológica tão necessária a ratificação/ampliação do sistema vigente.

As relações sociais que culminam na crise de identidade são materializadas no espaço através de símbolos. A esfera simbólica, associada às relações de poder que se estabelece, denominam para a sociedade um certa maneira de uso dos espaços e de hábitos citadinos.

A crise identitária também ocorre quando estes símbolos, depois de materializados são estranhos aos indivíduos, que nem sempre participam de sua produção, sendo, portanto injetado no homem. Uma 'solução' para a crise de identidade ocorre quando os indivíduos com interesses em comum se agrupam, geralmente pelo valor da renda - este será um fator determinante para a formação do agrupamento, vide os condomínios

fechados. Assim, se formam diversas ilhas com características variadas, mas pela alienação dos grupos o sistema vigente se mantém.

Enquanto a sociedade se organiza em territórios excludentes o capitalismo se espraia se apropriando, através da dimensão simbólica, de todo o espaço urbano.

E os movimentos sociais? Em nossas inquietudes questionamos a aparente ausência de movimentos sociais eficazes contra o espraiamento do capitalismo, mas percebemos que tais movimentos estão se reestruturando a cada momento de acordo com as metamorfoses no qual o sistema está sofrendo. Mas o sistema produtivo possui um ritmo mais acelerado que as organizações sociais, com isso eles parecem inexistentes.

Cremos na possibilidade de libertação do sistema vigente, mas para isso é necessário que haja uma maior articulação social que enfatize além das relações entre homens, enquanto agente social, àquela relação entre homens que priorize a esfera do ser. Enquanto isso não ocorre o que podemos observar é a persistência da alienação do homem, do espaço e da sociedade em que vivemos.

Referências Bibliográficas

BENKO, Georges. Economia Espaço e Globalização na aurora do século XXI. São Paulo: Hucitec, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço-Tempo na metrópole: A fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2002.

HARVEY, David. Condição Pois Moderna. São Pulo: Loyola, 2001.

MARIZ, Cecília L. O estrangeiro e o homem Moderno. In: Caderno de Estudos de Sociologia. Recife: Volume 4, n. 1, p. 85-94, Jan/Jun., 1988.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: : VELHO, Otávio Guilherme (org.) O fenômeno urbano. São Pulo: Zahar editores, 1967

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica e tempo, Razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993

SANTOS, Milton. Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SIMMEL, Georges. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.) O fenômeno urbano. São Pulo: Zahar editores, 1967.

SIMMEL, Georges. Georges Simmel: Sociologia. São Paulo: Ática, 1993.

SINGER, Paul. Globalização e Desemprego: diagnóstico e alternativas – São Paulo: Contexto, 2003.

---

[1] Ver Harvey (1989), p. 219

[2] Ver Simmel, Georges: A metrópole e a vida mental. Publicado pela primeira vez em 1902. A publicação utilizada neste artigo refere-se aquela encontrada em o Fenômeno Urbano (1967)

[3] Ver Carlos (2001) p. 219

[4] Santos (2001), faz alusão a estas diferenciações espaciais em decorrência do processo de globalização que instaura , de maneira heterogênea, o conteúdo técnico nos espaços.

[5] Desterritorialização é entendida aqui segundo Santos (2001:328), como uma forma de estranhamento, que é também desculturalização.

[6] Ver Carlos (2001:29)

[7] Op.cit. p. 26

[8] Op. Cit. p. 33

[9] Op. Cit.p. 37

[10] Segundo o autor a atitude blasé resulta dos estímulos contrastantes, que em rápidas mudanças e compressão concentrada são impostas aos nervos.

[11] Ind. Cad. Est. Soc., Recife, V4 n. 1, p. 85-94, Jan/Jun, 1988.

[12] Op. cit. p. 87

[13] Singer (2003:61)

[14] Santos (1993:138)

[15] Santos (2002:256)

[16] O Capítulo 18 da Obra se intitula “O Tempo e o Espaço no Cinema Pós-Moderno”

[17] Santos (2001:328)

[18] Santos (2001)